

# REVELAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO EM *O ESPELHO* DE GUIMARÃES ROSA

Mauro Lopes Leal<sup>1</sup>  
Julie Christie Damasceno Leal<sup>2</sup>

## RESUMO

Neste artigo serão postas em diálogo as áreas literária e filosófica a partir do conto de Guimarães Rosa, *O espelho* e o pensamento do filósofo Martin Heidegger, mais precisamente no que tange às questões relativas à revelação e transformação do homem. No conto, apresentam-se pontos que coadunam com a vertente proposta por Heidegger, a saber, de que os conceitos não conseguem dar conta não apenas das questões, como também da visão do homem sobre si mesmo, permeada de ilusórias perspectivas. Objetiva-se demonstrar que o homem afastou-se das questões que o cercam, na tentativa de suprimir o incômodo gerado pela indefinição de si.

**Palavras-chave:** questão, revelação, transformação, homem.

## Introdução

O que é o homem? Um animal? Um ser racional? Produto divino ou criação terrena? As conjecturas e possíveis conceituações são vastas e atropelam-se sem que seja possível uma visão medianamente acabada daquilo que vem a ser o homem. Todas as possibilidades de respostas não conseguem abarcar com precisão o enigma que é o ser humano, posto que este, ao que parece, não pode ser compreendido sob um prisma de si e por si, ou seja, o homem não se sustenta quando desprovido de elementos externos, aquilo que o cerca, que com ele interage. Surge daí a necessidade de, para se aproximar de uma resposta, abarcar elementos extrínsecos ao homem, o que torna a

---

<sup>1</sup> Graduado em letras e filosofia; Mestre em letras pela Universidade Federal do Para; Pós-graduando em Estudos Linguísticos e Análise Literária pela Universidade Estadual do Para. E-mail: mauroleal2@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Para, Campus Abaetetuba; Mestra em letras e filosofia pela Universidade Federal do Para; Pós-graduanda em Educação Pobreza e Desigualdade Social pela mesma universidade. E-mail: julie.leal@ifpa.edu.br.

tarefa ingrata e bastante complexa de se alcançar, uma vez que o homem é e não é, está não estando, aproxima-se daquilo que o cerca, mas mantendo certa distância.

A fisiologia, por sua vez, não define o homem, assim como a psicologia, a biologia, antropologia e outras ciências. Provavelmente a pergunta “O que é o homem?” não deve ser formulada nos moldes de uma pergunta direta, para a qual há uma resposta pronta, ou ainda a se descobrir, estando apenas no aguardo de uma evolução científica e maior profundidade racional; mas sim questionar, pois o ato de questionamento aproxima-se com maior efetividade da multiplicidade constitutiva do homem.

A ação de questionar não possui uma finalidade prática, por assim dizer, não visa um fim nos moldes estabelecidos pelo pensamento lógico da contemporaneidade, cuja técnica e conceituação são os campos máximos de atuação e “progresso”, ainda mais quando o objeto de estudo é o homem, esse labirinto vivo, que ama e odeia, cria e destrói, eleva, nivela e rebaixa, conforme a sua subjetividade, seus interesses particulares, que se baseiam nos mais altos valores, assim como também, nos mais rasteiros, vis e deploráveis: mata-se, por exemplo, em uma batalha, por honra, dever, vendo no oponente, tais como nos heróis míticos, o valoroso guerreiro a ser vencido; mas também se mata por ver no outro a imagem da insignificância, do desprezível, aquele que incomoda e deve ser reprimido, ignorado ou subtraído.

O homem age pelos mais diversos motivos, dentre esses motivos alguns são compreensíveis, outros absolutamente absurdos, o que reforça a concepção de que o próprio homem não se compreende satisfatoriamente. Apesar disso, pô-lo em questão é absolutamente necessário, mesmo que nesse percurso de conhecimento tenhamos, necessariamente, que adentrar outras questões profundas como a da vida, uma vez que homem e vida se cruzam, posto que o primeiro somente existe efetivamente quando situado na segunda questão, surgindo, dessa junção, outras questões, como a morte.

Por que existo? Qual o objetivo de minha existência? O que devo fazer, de fato, enquanto ser vivo? Indagações como estas são ouvidas em toda a história humana, e se encontram presentes no conto *O espelho*, de Guimarães Rosa, que nos propomos interpretar. O viés investigado perpassa a revelação e transformação pelas quais passa a personagem da obra, e reflete a curiosidade, a tentativa de suprimir um vazio incômodo,

uma melancolia que assalta o homem de qualquer época ou região unicamente por não conseguir responder de forma satisfatória o que ele é de fato.

### **O que é o homem? Uma questão**

As diversas esferas de conhecimento têm empreendido um esforço hercúleo visando buscar respostas para o que vem a ser o homem. E as “respostas” indicam metabolismo, organismo, força vital, gênese, energia, células, tecidos, mente, alma, sociedade. Algumas vertentes filosóficas buscam abarcar o homem através de conceitos, enquadrá-lo racionalmente, em uma visão que o encerre, definindo-o, como se fosse algo acabado, pronto, o que, de fato, não é possível, uma vez que o homem não está completo, posto que, na sua vivência, ele está se constituindo, construindo-se na sua vigência no mundo.

A literatura, mais antiga do que a filosofia, dá a sua importante contribuição para a questão sobre o homem através de obras que conduzem ao interrogar-se, à supressão superficial, por vezes, daquilo que foi estabelecido e retransmitido no decorrer da história do homem. Nesse aspecto, literatura e filosofia, tanto lado a lado quanto de maneira isolada, apresentam possibilidades de respostas para a questão acerca do que é o homem. Mas antes de prosseguir, cabe a indagação: o que vem a ser uma questão?

Conforme Antônio Máximo Ferraz (2010), a questão é algo que não possui uma resposta definitiva, posto que a conceituação da questão se mostra impraticável, pois se encontra no limiar entre o saber e o não saber o que ela é, ou seja, ao mesmo tempo em que se apresenta, também se afasta, tornando-se inacessível.

As questões, de acordo com Ferraz, são dotadas de uma maleabilidade, por assim dizer, que escapa ao pensamento humano toda vez que este visa esgotá-la através do puro conceituar, uma vez que, encontrando o homem uma resposta definitiva para a questão, encerrar-se-ia toda a tarefa do questionamento, atitude própria do homem:

Em relação às questões, nós tanto sabemos algo sobre elas quanto não sabemos, pois sempre estamos na liminaridade entre saber e não saber o que elas são. É esta liminaridade, aliás, que nos destina a tarefa do questionamento, pois, se já soubéssemos o que elas são, que sentido haveria em questionar? (FERRAZ, 2010, p. 3).

Nesse sentido, as questões perpassam o homem, não o contrário. No campo filosófico, Heidegger possui expressiva relevância no que diz respeito às mesmas, pois, conforme vislumbrado pelo filósofo alemão, a conceituação da coisa é insuficiente para uma compreensão satisfatória do que vem a ser a coisa, tomada aqui não como algo específico, mas qualquer elemento que se apresenta ao olhar indagador do homem, tal como uma jarra, por exemplo.

No terreno da literatura, Guimarães Rosa abordou com profundidade e distanciamento necessário para apresentar, em suas obras, questões que se oferecem ao homem, observando-as com olhar aguçado e propositivo, ou seja, sem a pretensão de respondê-las, mas apresentá-las tais quais se expõem no mundo.

### **A imagem do homem diante do espelho: revelação**

No conto *O espelho*, Guimarães Rosa introduz uma personagem em conflito com a sua própria imagem, em contestação com a visão estabelecida sobre o que vem a ser o homem: “De certa forma, o conto “O espelho” trata dessa questão: ver o que não se vê, deixar de ver o que sempre se vê. A ideia seria partir do espelho [...] para discutir as complexas relações entre imagem e realidade, essência e aparência” (ROSENBAUM, 2008, p. 84). Depreende-se do exposto, portanto, como esse olhar está permeado de pontos que de fato não fazem parte do que é realmente o homem e a imagem que este constrói de si mesmo. O narrador, que não é nomeado na obra, dialoga com um interlocutor que não aparece na narrativa, mas é acionado constantemente pelo autor através do termo “senhor”. O narrador, ao início do conto, afirma que um espelho foi o responsável pela mudança de visão de si mesmo, levando-o a “séries de raciocínios e intuições”.

O espelho, no referido conto, tem um importante papel em toda a narrativa, tanto que será ele o responsável pela sensação de incômodo que o narrador sente ao vislumbrar a sua imagem em um lavatório público. A imagem reproduzida no espelho não condiz com a imagem que o narrador possui de si mesmo. Refletida no espelho está uma figura humana, mas desagradável e horrenda:

E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor.

E era — logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação? (ROSA, 1964, p. 73).

A concepção que tinha de si e a imagem reproduzida no espelho conflitam e provocam no narrador o que ele chamou de revelação. O termo provém do latim *revelatio* que significa a retirada do véu, que pode ser referente a algo ou também a alguém. Retirar o véu configura mostrar algo que estava oculto, obscurecido por alguma coisa, que permite ao que retirou o véu conhecer o que estava escondido, submerso, asilado ou obtuso. Em outro aspecto, revelar significa mostrar a verdade; nesse âmbito, o véu seria algo que nublaria a visão do homem, aquilo que o induziria ao erro e à falsa percepção. Pode-se, aqui, fazer referência ao véu de *Maya*, cujo significado, basicamente, diz respeito ao que é ilusório, à capacidade de construção de algo essencialmente aparente e irreal, relacionado inclusive à magia e às divindades, como expõe Heinrich Zimmer.

Maya, da raiz mã, “medir, formar, construir” denota, em primeiro lugar, o poder que tem um deus ou um demônio de produzir efeitos ilusórios, de mudar de forma e de aparecer sob máscaras enganosas. Daqui deriva o sentido de “magia”, isto é, o ato de produzir ilusões por meios sobrenaturais; e logo, simplesmente, “o ato de produzir ilusões”, por exemplo, na guerra, a camuflagem, etc. (ZIMMER, 2010, p.20).

Para a filosofia ocidental, *Maya* configura-se como o obstáculo que se opõe à superação do homem relativo ao mundo sensorial sedutor. No plano do referido conto roseano, a revelação através do espelho serviu ao narrador para que ele pudesse ver quem ele não era, mas ao mesmo tempo não manifestava quem ele era.

Destituído do seu campo de conforto, ou seja, a imagem que havia construído de si, o narrador experimenta o desconforto, a angústia, a dor de não saber efetivamente quem é. É comum à maioria dos homens afirmarem-se, em um sentido voltado ao estabelecimento de uma identidade, através de múltiplos modos: algumas pessoas definem-se pelo nome, outras pela função social que exercem ou pelo *status* alcançado, alguns ainda pelo poder econômico, pela religião que praticam; existem também aqueles que se veem pelo olhar do outro, ou seja, projetam-se naquilo que a alteridade vê dele, para daí construir um significado, uma identidade, para si mesmo.

Assim, a visão erguida não consegue abarcar toda a complexidade e multiplicidade do homem. E isto por um simples motivo: a questão sobre o que vem a ser o homem não encontra uma resposta plausível, pois jamais conseguiria abranger a pluralidade, falando em termos gerais, de cada indivíduo. A questão se torna ainda mais complexa devido ao fato de que não há uma linha, fora dos dogmas estabelecidos pelas ciências, que possa definir e conceituar o homem em um plano comum a todos os seres denominados humanos.

Levando-se em consideração o fato, como já foi visto, de que é difícil ao homem determinar com plenitude um sentido para a sua existência *per si* e no mundo, compreende-se que ele também é o inesperado, o imprevisível, aquele que escapa das delimitações fortuitas, adentrando em um terreno pantanoso e enigmático. Apenas tentar circunscrever as características do homem não o define completamente enquanto tal.

A questão, para a personagem roseana, inclina-se, em muitos momentos para algo bastante abrangente e universal, que parte de uma problematização subjetiva de si, e passa a incluir com os seus questionamentos a amplitude de todas as perspectivas sobre o que vem a ser o homem. Ou seja, se o homem quer saber quem é, não encontrará conforto nos livros de ciência, exatas ou não, mas sim na busca das questões acerca de quem ele é de fato.

A imagem que o narrador de *O espelho* tinha de si entrou em conflito com a sua imagem refletida no espelho. O que fez nascer em si um desejo de autor reconhecimento, de procura por si: “Desde aí, comecei a procurar-me — ao eu por detrás de mim — à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio” (ROSA, 1964, p. 73).

Para muitos, buscar a si mesmo é tarefa difícil, com alguma chance de não alcançar resultados efetivos e satisfatórios. Alguns filósofos, desde Sócrates, com o seu famoso enunciado: “Conhece-te a ti mesmo”, tem reforçada a concepção de que o homem necessita ir em busca de si para que, dessa forma, possa alcançar estágios mais elevados no seu percurso enquanto ser humano e construtor de história. Não é, factivamente, uma tarefa simplória, como argumenta o próprio narrador da narrativa roseana, uma vez que:

Quem se olha em espelho, o faz partindo de preconceito afetivo, de um mais ou menos falaz pressuposto: ninguém se acha na verdade feio: quando muito, em certos momentos, desgostamo-nos por

provisoriamente discrepantes de um ideal estético já aceito (ROSA, 1964, p. 73-74).

Os conceitos pelo próprio homem estabelecidos servem-lhe como véus, uns sobre os outros, que lhe vedam completamente impossibilitando uma visão ao menos ínfima de si mesmo. Ao se olhar no espelho, são reafirmados pré-conceitos que limitam o homem naquilo que de fato ele vem a ser. A estética, as novas tendências, modismos, necessidade de aprovação do outro, estes e outros fatores são acionados, conscientemente ou não, no simples ato de olhar-se no espelho. Este, por sua vez, serve como um símbolo para aquilo que funciona como elemento incômodo ao olhar do homem no que se refere à sua imagem. A experiência de vida do homem por vezes o coloca em posições que o conduzem a uma supressão do entendimento que possui de si, de sua existência, das coisas que o cercam.

Pondé, em *Crítica e Profecia*, apresenta um determinado pensamento de Dostoiévski que se enquadra no que está sendo aqui debatido: o homem, ao deixar de mentir para si, descobrirá que não sabe quem é. E tende a mascarar quem de fato ele vem a ser, uma vez que a realidade sobre quem ele é nem sempre é agradável e conveniente. O mundo parece se impor ao homem e este precisa, em seu contato com a civilização e suas exigências, demonstrar uma imagem, uma identidade que muitas vezes não coaduna com o que é de fato.

Sua existência parece adequar-se a um fim e a um propósito de certo período, correspondente a uma determinada necessidade humana, que por sua vez visa um estado de tranquilidade, um porto seguro, que permita ao homem deliberar com segurança sobre determinados assuntos: a alma, por exemplo, foi concebida para se adequar a determinada inclinação metafísica do homem. Sua crença na imortalidade, em mundo extraterreno necessitava de um elemento que possibilitasse ao homem alcançá-la. Mas como? Inventou-se, portanto, o conceito de alma, como elemento apaziguador da angústia humana frente ao imaterial.

Falou-se acima em conceito e de como ele encerra em si uma questão, a da alma, como algo que existe e não pode ser questionado em sua existência. Não há a reflexão necessária para a indagação sobre a existência ou não da alma, sentenciamos que ela existe e que é parte intrínseca ao homem. Eis a forma como o conceito é acionado: ou a

coisa é ou não é. Manuel Antônio de Castro apresenta o debate acerca do conceito de modo claro:

Os conceitos tiveram um duplo encaminhamento. Primeiro, eles se tornaram a definição de verdades por oposição ao erro. O seu fundamento foi a verdade lógica. Então os conceitos se tornaram a espinha dorsal dos sistemas filosóficos, na medida em que estes se sobrepuseram ao próprio real como teorias e abortaram as questões (CASTRO, 2005, p.15).

É de se supor, portanto, que o homem, ao olhar-se no espelho, não enxergue a si, mas sim a conceitos, previamente estabelecidos e reforçados no decorrer da sua vida, como se tais conceitos criassem outro mundo, outro “si mesmo”, tais como máscaras, tal qual observou o narrador de *O espelho* no início de sua narrativa: “E as máscaras, moldadas nos rostos? Valem, grosso modo, para o falquejo das formas, não para o explodir da expressão, o dinamismo fisionômico” (ROSA, 1964, p. 71). É esse mascaramento de si que busca suprimir para divisar a si: “Sendo assim, necessitava eu de transverberar o embuço, a travisagem daquela *máscara*, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa — a minha vera forma. Tinha de haver um jeito” (Idem, p. 74).

Vislumbra uma possibilidade para a concretude do seu projeto: suprimir o visual, o perceptivo. Segundo o narrador, seria essa imagem obtida através da visão que se colocaria como o primeiro obstáculo para uma descoberta de quem se é. Não é desconhecido que o homem sobrepõe algumas faculdades sobre as outras: a visão e audição certamente encontram-se em um patamar de maior relevância para o homem na sua vigência como ser, o que se configura como um entrave ao conhecimento do homem, que muitas vezes credita a tais faculdades a responsabilidade por uma grande parcela da validade de si no mundo.

Para o filósofo René Descartes, por exemplo, os sentidos podem ser enganosos no que tange a busca do homem por si, pois as experiências proporcionadas pelos órgãos dos sentidos podem conduzir a erros e equívocos, desviando o homem daquilo que caracterizaria essencialmente a sua existência, a saber: o seu pensamento:

Fecharei agora os olhos, tamparei meus ouvidos, desviar-me-ei de todos os meus sentidos, reputá-las-ei como vãs e como falsas; e assim, entretendo-me apenas comigo mesmo e considerando meu interior, empreenderei tornar-me pouco a pouco mais conhecido e mais



familiar a mim mesmo. Sou uma coisa que pensa [...]. (DESCARTES, 2006, p. 50).

O imagético tomou conta da vivência do homem: as imagens são responsáveis pela doutrinação e interação, pela forma como ele se posiciona no mundo, como se relaciona com as coisas e os outros seres vivos ao seu redor. A imagem, visual ou aquela suscitada por uma frequência sonora, em um tempo que privilegia a técnica, insere-se no homem e determina suas escolhas, sua ação, sua forma de ser, muitas vezes com o único intuito de representação de algo que não é.

É nesse âmbito que o narrador determina para si, como primeira tarefa, o aprendizado de *não ver*: “E, então, eu teria que, após dissociá-los meticulosamente, aprender a *não ver*, no espelho...” (ROSA, 1964, p.75). A não visão, o desaprender a ver, abre novas possibilidades de apreensão do dito real. Antes de se propor à busca de si, no momento do primeiro estranhamento perante a sua imagem refletida no espelho, a personagem colocou em questão a sua existência. Esta era confirmada simploriamente pelo funcionamento dos órgãos, pela sua participação social, mas isto ainda não elucida quem ele é.

“Saiba que eu perseguia uma realidade experimental, não uma hipótese imaginária” (ROSA, 1964, p. 75). O caráter fantástico da sua experiência inexistente: a busca a qual se propõe não é fundamentada naquilo que vem a ser fruto da imaginação. Existe um “eu” que é efetivo, mas que por diversos motivos, alguns citados anteriormente, se furta à visão e à compreensão humana, mais por crédito do próprio homem do que pela questão em si, que se afasta mediante a escolha por parte do humano de outros fatores os quais elegem mais importantes.

Essa realidade perseguida, como fala o narrador, apresenta-se gradualmente. Suprimiu os traços hereditários, a sua herança genealógica, por assim dizer, posto que nascer em um determinado país, fazer parte de uma sociedade específica, ou ainda, ser membro de uma família não é também fator suficiente para afirmar quem o indivíduo é. Os traços fisionômicos, a cor da epiderme, dos cabelos e olhos, esses e outros indícios físicos não constituem os homens, apresentam somente a sua exterioridade, que o insere em um determinado contexto social e histórico.

A abstração aparente de si gera frutos positivos: depois de um determinado tempo em sua busca pessoal, o narrador alcança um resultado efetivo, no qual a sua imagem é completamente suprimida:

Um dia... Desculpe-me, não visio a efeitos de ficcionista, inflectindo de propósito, em agudo, as situações. Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era — o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona (ROSA, 1964, p. 76).

O apagamento absoluto da imagem do narrador demonstra o efetivo sucesso do seu empreendimento, reafirmando a concepção de que a imagem que possuía de si não era verdadeira, não condizia com aquilo que era o seu ser. A criatura antes vista no espelho desaparecera por completo. Contudo, a ausência de uma imagem provoca outra reação: naquele instante, inseria-se a questão de que ele não era nada.

### **O homem e o nada: transformação**

A nadificação do homem é um assunto muito debatido por diversos campos do conhecimento: concepções transformam o homem em nada; a perda de valores o conduz ao vazio; a falta de um direcionamento concreto o situa no patamar da coisa nula, o invisto.

A evidência física havia sido desfeita. O ato de raciocinar não possui força suficiente para comprovar sua efetividade, ou seja, o pensamento não é garantia de existência, pois existir não é apenas pensar. Existência, nesse aspecto, não pode ser confundida com a presença concreta, com o posicionamento físico em um determinado espaço, medível e calculável.

A existência de que trata Guimarães Rosa aproxima-se mais ao ser do homem no mundo. O nada aqui posto inclina-se a um vazio, uma impossibilidade de se tornar o que se é de fato, ou o que Heidegger chamou de não-ocorrência. Aqui se insere a questão do *Dasein* para o referido filósofo: “pode-se dizer que o *Dasein* é o ente que compreende o ser, o que significa compreendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, de ser ou de não ser si mesmo [...]”. (HEIDEGGER,

2002, p. 13) Em contrapartida, o não reconhecimento do homem enquanto *Dasein* parece conduzi-lo a uma entificação, no sentido negativo do termo, uma vez que este homem, nada sendo, não é vigente no mundo.

O narrador do conto roseano, diante da sua inexistência, depara-se com uma realidade terrificante:

E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... desalmado? Então, o que se me fingia de um suposto eu, não era mais que, sobre a persistência do animal, um pouco de herança, de soltos instintos, energia passional estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na impermanência se indefine? (ROSA, 1964, p. 77).

Sem saber quem é, o narrador desenvolve a consciência de que o seu “eu” nada mais era do que uma fingida realidade, uma concatenação de pequenos fatores, a saber, os traços animais, os instintos, influências, que permitiam uma aparente imagem do que ele acreditava ser.

Anos mais tarde, entretanto, o indistinto narrador olha-se novamente no espelho. O vazio, enigmaticamente, deu lugar a uma pequena luz, ainda tênue, refletido no espelho.

Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei — não rosto a rosto. O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo (Idem, p. 77).

A agradável surpresa, o ínfimo feixe de luz que se apresenta no espelho, torna-se motivo de alegria para o narrador. Agora sua existência parecia indicar um pequeno ponto, uma partícula de algo que ainda não podia ser colocado no plano da certeza. A luzinha representava alguma coisa que de antemão não se podia dizer o que era, mas estava de alguma forma relacionada à existência do narrador, ao seu ser. A luz, dessa forma, representa uma forma de clareamento, em contraposição ao vazio inquietante, indistinto.

O nada se apresenta como algo que nubla a percepção, que incomoda por não permitir um fragmento de clareza. Essa ausência de algo se torna angustiante ao homem, tão acostumado às coisas e aos outros, em sua vida social na qual não tem tempo para si, para ouvir o seu silêncio e dialogar consigo mesmo e com as questões que o circundam. O homem da modernidade está a todo o momento na sua frenética existência em busca de alguma coisa que na maioria das vezes se configura como algo concreto, sólido: bens, satisfação, relacionamento etc.

É de observar que em muitos casos a visão do homem continua nublada, impedindo-o de ver as revelações do mundo, que estão presentes de modo constante em sua existência, no vigiar de si e das coisas. A luzinha vista pelo narrador no espelho simboliza o posicionar-se fora da escuridão na qual o pensamento do homem está imerso. Este mesmo homem que parece abrir mão da sua autonomia, da sua posição originária, em nome de um comodismo técnico que o tranquiliza aparentemente, que o retira do incômodo de ter que se questionar sobre si e o mundo.

Ao tentar afastar de si suas primordiais características, o homem corre o risco de adentrar um estágio de supressão do seu eu, cujos resultados apresentam-se preocupantes. No conto *O espelho*, de Guimarães Rosa, a questão da não existência é apresentada pelo seu narrador através de uma pergunta: “Você chegou a existir?” (ROSA, 1964, p. 78).

A existência é um tema bastante debatido no campo filosófico: muitos pensadores compreenderam a existência como a delimitação do ser, cerceando em conceitos definidores de tal termo, que, nesse âmbito, inclui o próprio homem, uma vez que ele é o único animal que reflete e perquiri sobre a sua vivência no mundo.

Heidegger, por sua vez, concebeu a existência como o contato vinculatorio entre o homem e as coisas do mundo, adaptando-a ao sentido de “presença”. Para Heidegger, o ente é expressão do ser através do *dasein*, ou seja, o Ser-aí. A distinção entre ser e ente reside no campo das possibilidades: o ente está posto, está presente, em um sentido de imutabilidade. O conceito de casa não se altera, é uma residência a qual é construída para servir de abrigo. Pensar em casa, como habitação no sentido vulgar, não se apresenta como uma questão. O mesmo não ocorre com o ser, que enquanto ser está vigorando, não se apresenta pronto e acabado.

O homem representa com exatidão a questão do ser. E nesse ponto retomamos ao início de nossa problematização: o que é o homem? Não se sabe definir com exatidão, posto que ele não se vislumbra de modo definitivo no mundo. O corpo biológico não representa o que vem a ser o homem, que é muito mais do que a sua exterioridade. Nesse ponto, não é sem ênfase que o narrador, depois de tornar-se nada, um “desalmado”, parece nascer outra vez para si mesmo. A luzinha possui também essa representatividade, uma vez que, em um momento posterior, o narrador viu-se em um estágio embrionário, uma delineação de rosto no espelho:

E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto — quase delineado, apenas — mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só (ROSA, 1964, p. 78).

O narrador parece renascer em vida. Expressão estranha, mas que expressa adequadamente esse ressurgimento da imagem do narrador, não adulto, mas criança, ou menos do que isso, como se uma nova existência, sobre a antiga, estivesse se efetuando. A busca por si o despertou. Concebeu que não sabia quem era e, na sua jornada para o conhecimento de si, compreendeu que somente agora estava em vigência no mundo, que iniciava uma nova existência, destituída de máscaras e falsas construções.

A revelação do espelho conduziu a uma transformação do homem, transformação esta pessoal, intransferível, o que demonstra que esse reconhecimento de si é algo a ser efetuado particularmente, deve ser empreendido e mantido por vontade própria.

Mais adiante, o narrador faz a pergunta que, de certo modo, sintetiza toda a questão abordada no decorrer do conto: “*Você chegou a existir?*” Esta indagação, profunda e complexa, é um convite à reflexão: andamos, falamos, construímos, odiamos e amamos, mas esses atos, em conjunto, não se configuraram em uma resposta para o que é efetivamente existir. Na verdade, não se busca aqui uma resposta para tal questão, pois ela não pode ser delimitada nos moldes científicos e puramente racionais, mas se deseja suscitar indagações, entrever possibilidades, fomentar debates.

Conforme Heidegger, a existência, como possibilidade, liga-se a uma transcendência, em um ato de projetar. Projetar-se aonde? No mundo, habitando-o, mas não um habitar qualquer, mas um habitar poético. Em seu texto *...Poeticamente o*

*homem habita...*, Heidegger analisa um poema do autor alemão Hölderlin e expõe a ideia de habitar poeticamente o mundo:

Nessa suposição, coloca-se para nós a tarefa de pensar o habitar e a poesia a partir do seu vigor essencial. Se não recusarmos essa imposição, então poderemos pensar, a partir do habitar, isso que se costuma chamar de existência humana [...]. Quando Hölderlin fala do habitar, ele vislumbra o traço fundamental da presença humana. Ele vê o “poético” a partir da relação com esse habitar, compreendido nesse modo vigoroso e essencial (HEIDEGGER, 2002a, p. 166-176).

### **Considerações finais**

Não se pretende aqui esmiuçar a concepção de poesia de Heidegger, mas apontar que esta poética está intrinsecamente ligada à questão da existência do homem, uma vez que, de acordo com Heidegger, é a poesia que fundamenta o existir humano, assim como é ela a responsável pela nomeação das coisas. A própria linguagem somente é possível, ainda segundo o filósofo alemão, através da poesia. Dessa forma, atesta-se a importância significativa da poesia para o pensamento de Heidegger, pois é ela que permite ao homem a compreensão de si e das coisas.

A existência do homem está, sob um determinado ângulo, dependente da poesia, cabendo a pergunta: não tem o homem perdido a capacidade de ver poeticamente? O ofuscamento que o impede de ver-se como um ser múltiplo e em permanente transformação/atualização, conforme se argumentou antes, perpassa o engessamento da visão que o homem tem de si e não pode ser considerado como um sintoma dessa incapacidade de se visualizar através da poesia? Existimos ou achamos que existimos? Essas questões se apresentam também como críticas à perda humana de dialogar e vislumbrar através da poesia, resultando daí o véu que encobre o olhar e nos permite apenas entrever formas disformes e horrendas no lugar das coisas, dos homens.

A revelação que o narrador teve diante do espelho é significativa. Em outros casos o espelho transmuta-se em um acontecimento que força o homem a rever quem ele é. Diante da morte, por exemplo, muitas pessoas põem-se a meditar sobre a sua existência. Outras, perante uma modificação da sua estrutura física, estética, levantam indagações e conjecturas que entram em conflito com os antigos preceitos que possuíam sobre si e sobre os outros. A própria velhice muitas vezes impele o homem a um rever-

se, pois lhe apresenta a brevidade e efemeridade da vida, que se encerrará de um modo ou de outro.

Nesse aspecto, reforça-se aqui a visão de Heidegger sobre o tema da poesia na vida do homem, relacionada à riqueza poética do conto roseano, o qual retorna o homem como uma questão fundamental.

## Referências

CASTRO, M A de. *A arte em questão: as questões da arte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *O acontecer poético: a história literária*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Antares, 1982.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2006.

FERRAZ, A M. O que é uma questão? *Revista Litteris*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 1-15, nov., 2010. Disponível em: <[http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/OQUE\\_EH\\_UMA\\_QUESTAO\\_ANTONIO\\_FERRAZUFPA.pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/OQUE_EH_UMA_QUESTAO_ANTONIO_FERRAZUFPA.pdf)> Acesso em: 09/03/2015.

HEIDEGGER, M. ...Poeticamente o homem habita... In: HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002a.

\_\_\_\_\_. A coisa. In: HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002b.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. (Coleção Passo a Passo)

HOSENBAUM, Y. Notas sobre o conto “O espelho”, de Guimarães Rosa. *Ide psicanálise e cultura*, São Paulo, 2008, 31(47), 84-87.

INWOOD, M. *Dicionário Heidegger*. Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

PONDÉ, L F. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

PONTE, C. R. S. *Sobre os conceitos de Indivíduo em Sören Kierkegaard e de Pessoa em Carl Rogers: semelhanças e diferenças*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2010.

ROSA, J. G. O espelho. In: *Primeiras estórias*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p.73-74.

ZIMMER, H. *Filosofías de la India*. Edición: Joseph Campbell. Madrid: Ed. Sexto Piso, 2010.

## REVELATION AND TRANSFORMATION IN *THE MIRROR OF GUIMARÃES ROSA*

### ABSTRACT

In this article will be put into dialogue the literary and philosophical areas from Guimarães Rosa short story, *The Mirror* and the thought of the philosopher Martin Heidegger, more precisely with respect to matters relating to revelation and transformation of man. In that short story, we present points consistent with the present proposal for Heidegger, namely, that concepts can't account not only of the issues, but also of man's view of himself, imbued with illusory perspectives. The objective is to demonstrate that the man moved away from issues that surround and permeate the world in an attempt to suppress the nuisance created by the indefiniteness of you.

**Keywords:** question, revelation, transformation, man.

Recebido em 13/08/2016.

Aprovado em 19/10/2016.